

Fareed
Zakaria

Relação EUA-China de volta aos trilhos

— *Novas tensões surgirão, mas devem ocorrer num contexto de diálogo funcional entre os dois*

A pesar de todo o foco nas muitas crises geopolíticas ao redor do mundo, a que é potencialmente mais perigosa tomou uma direção positiva. O fundador do (centro de estudos) Eurasia Group, Ian Bremmer, me disse: “A maior surpresa boa dos meses recentes tem de ser a estabilização das relações EUA-China”.

A reunião do conselho de segurança nacional dos EUA, Jake Sullivan, com o mais graduado diplomata da China, Wang Yi, para conversações privadas, na semana passada, é mais um sinal de degelo nas relações que, em 2021, viram ambos os lados berrando um com o outro em Anchorage. As comunicações entre os militares foram retomadas. As secretárias do Tesouro, Janet Yellen, e do Comércio, Gina Raimondo, protagonizaram viagens construtivas à China. O Comando dos EUA no Indo-Pacífico notou anteriormente este mês que, desde a cúpula Biden-Xi, em novembro, aviões militares chineses parecem ter cessado suas manobras perigosas. Ao longo dos dois anos anteriores, desde o outono (Hemisfério Norte) de 2021, houve aproximadamente 300 incidentes desse tipo envolvendo aeronaves americanas e de aliados e parceiros dos EUA. E ambos os lados lidaram de maneira madura com as eleições em

Taiwan, ainda que seus resultados tenham contrariado as esperanças da China.

Tudo isso é benéfico. A desconfiança, a ausência de comunicação e a falta de contato que caracterizaram a relação nos primeiros dois anos do governo Biden eram perigosas. Essa rivalidade poderia facilmente evoluir para uma corrida armamentista ilimitada em todos os campos, de inteligência artificial a armas espaciais, estilhaçar a economia global e desencadear para a primeira guerra entre grandes potências desde 1945.

Ambos os lados ajustaram suas atitudes. Mas a maior mudança veio de Pequim. O presidente Xi Jinping chegou ao poder após a crise financeira global convicido de que o poder dos EUA estava em declínio. Xi afirmou explicitamente: “O Oriente ascende e o Ocidente declina”. Ele queria que a China diminuísse sua dependência econômica em relação aos EUA e fabricasse domesticamente as tecnologias do futuro. Ele inaugurou uma política externa mais ambiciosa e agressiva.

Acelere a fita até os meses recentes. Xi declarou publicamente para uma plateia de executivos de empresas americanas que a China não tem intenção nem desejo de substituir os EUA enquanto hegemonia global. Ele e Wang Yi argumentaram que a coopera-

ção entre EUA e China é imperativa. Xi cortejou empresas americanas em São Francisco, e o primeiro-ministro Li Qiang fez o mesmo em Davos, na Suíça. Grande parte dessa mudança na retórica decorre provavelmente do reconhecimento, por parte de Pequim, de que sua economia tem

afundado enquanto a economia americana prospera. Mais genericamente, contudo, o governo chinês deve perceber que sua diplomacia de “lobo guerreiro” fracassou, alienando pessoas da Índia à Austrália, à Alemanha. Um estudo recente do Pew Research Center mostrou que 22 dos 24 países pesquisados consideravam os EUA mais favoravelmente que a China.

Washington, de sua parte, deu-se conta de que as relações EUA-China estavam saindo acentuadamente de curso e que esse desvio poderia ocasionar espirais perigosas, crises e conflitos. Se a questão de Taiwan, em particular, fosse mal administrada, todos sofreriam — incluindo os taiwaneses, que em ampla maioria desejam que o status quo continue. Também há um lado positivo para relações melhores entre as duas potências, que permanecem profundamente ligadas economicamente. Muitos aliados dos EUA deixaram claro para Washington que, apesar de buscarem segurança com os americanos, a China permanecerá sua maior parceira econômica.

FUTURO. Nada disso deve sugerir que as coisas agora são calorosas e amistosas. Novas crises emergirão. Conforme os acessíveis veículos elétricos chineses invadirem os mercados, espere um grande debate em alguns países ocidentais sobre como responder. A China foi a grande salvadora da indústria automobilística da Alemanha, absorvendo uma grande fatia das exportações alemãs, mas hoje os carros chineses são a maior ameaça para essa mesma indústria. Haverá novas tensões sobre produtos farmacêuticos e biotecnologia, mas que agora ocorrerão num contexto de uma relação funcional entre Washington e Pequim, o que é reconfortante.

Parte do que permitiu a mudança nas atitudes americanas foi Washington dar-se conta de que a China não é tão gigante. Da mesma forma que em relação ao Japão nos anos 80, os formuladores de políticas em Washington projetaram um crescimento futuro da China e entraram em pânico. Mas, como diz o ditado alemão, “as árvores não chegam ao céu”. O ritmo de crescimento da China caiu substancialmente, prejudicado por muitas políticas ruins nos anos recentes. Sua demografia e produtividade — os dois principais componentes do crescimento econômico — enfraqueceram. A China permanece uma força poderosa, mas não vai conquistar o mundo.

Um atributo crucial da era da hegemonia dos EUA, iniciada 80 anos atrás, foi que Washington criou um sistema de segurança no qual outros países poderiam crescer e prosperar. Contanto que não tentassem perturbar a ordem internacional, eles poderiam se desenvolver economicamente, politicamente, socialmente e culturalmente. Essa atitude tinha raiz numa confiança de que os EUA seriam capazes de competir e ter boas relações com rivais; mas insistia que a rivalidade não se transformasse em disputas geopolíticas, em que nenhuma solução na qual todos ganham é possível, rompendo o sistema global. Se a China jogar segundo essas regras, Washington deveria lhe dar algum espaço. Conforme a economia dos EUA acelera e cresce, o país faria bem em manter a confiança em si mesmo e projetar uma política externa com base naquela premissa correta, em vez de um princípio forjado em destruição e desespero. ●

TRADUÇÃO DE GUILHERME RUSSO

É COLUNISTA DO “WASHINGTON POST”, PUBLICADO NO “ESTADÃO” AOS SÁBADOS, EXCEPCIONALMENTE HOJE

Ambos os lados ajustaram suas atitudes, mas a maior mudança veio de Pequim

Protesto na França

Agricultores cercam Paris com barricadas de tratores

PARIS

Agricultores em protesto cercaram Paris ontem com barricadas, usando centenas de tratores pesados e montes de fardos de feno para bloquear rodovias que levam à capital da França e pressionar o governo sobre o futuro de sua indústria, abalada pelas repercussões da guerra na Ucrânia.

O bloqueio das principais



A caminho de protesto em Paris, agricultores bloqueiam rodovia

vias em torno de Paris — sede dos Jogos Olímpicos dentro de seis meses — e os protestos em outras partes da França prometem uma semana difícil para o novo primeiro-ministro Gabriel Attal, há menos de um mês no cargo.

Os manifestantes disseram que as tentativas de Attal, na semana passada, de adotar medidas pró-agricultura ficaram aquém das suas exigências.

O governo enviou 15 mil agentes da polícia, a maioria para a região de Paris, para impedir qualquer esforço dos manifestantes de entrar na capital. ● AP

Argentina

Negociação sobre ‘Lei Ônibus’ emperra e debate na Câmara deve começar amanhã

As tensões entre governo, deputados e governadores de províncias argentinas marcaram as últimas negociações da chamada ‘Lei Ônibus’, um pacote amplo de reformas do presidente Javier Milei. O debate na Câmara estava previsto para começar hoje, mas acabou sendo adiado para amanhã. ●

Realeza britânica

Rei Charles III e Kate deixam hospital e iniciam período de recuperação

O rei Charles III e sua nora, a princesa Kate, deixaram ontem o hospital onde estavam internados em Londres. Charles foi submetido a uma cirurgia de redução da próstata, no London Clinic, onde Kate estava internada havia 13 dias para uma “cirurgia abdominal” cujos detalhes não foram divulgados. ●